

JUVENTUDE E CONTEMPORANEIDADE: VÍNCULOS COMPLEXOS E FUTURO INCERTO

YOUTH AND CONTEMPORANEOUSNESS: COMPLEX BONDS
AND UNCERTAIN FUTURE

Maria do Horto Salles Tiellet

Licenciada em Filosofia. Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT – Brasil.
mariadohorto_tiellet@yahoo.com.br

Maria da Penha Fornaciari Antunes

Licenciada em Pedagogia. Mestre em Educação. Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT – Brasil.
mpenhafor@gmail.com

José Ferreira da Costa

Licenciado em Filosofia. Mestre em Educação. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Mato Grosso, MT – Brasil.
jofecosta.55@gmail.com

RESUMO: Neste artigo apresentam-se os campos da educação, do emprego/renda e da violência que compõem os desenhos fractais da realidade complexa dos jovens da cidade de Cáceres (MT), município localizado na fronteira com a República da Bolívia. A faixa etária de 15 a 24 anos é o recorte populacional da pesquisa quanti-qualitativa, cujo aspecto quantitativo diz respeito à utilização de diferentes bancos de dados que compõem os fractais irregulares da realidade cacerense, em que têm destaque a desigualdade social, os baixos índices de violência, a localização geográfica do município, como pontos complexos e fragmentados a serem desvendados. A cidade de Cáceres permite paradoxos que precisam ser mais bem estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Fronteira. Políticas públicas.

ABSTRACT: This article introduces the fields of education, employment and income, and of violence that compose the fractal patterning of the complex reality of youngsters from the city of Cáceres (MT), a municipality located on the border with the Republic of Bolivia. The age frame from 15 to 24 years old is the population cutout of the quantitative and qualitative research. The quantitative approach refers to the utilization of different data banks that compose the irregular fractal patterning of Cáceres reality where the social inequality, the low violence indexes and the geographic location of the municipality stand out as complex and fragmented points to be unveiled. The city of Cáceres allows paradoxes that must be better studied.

KEY WORDS: Youth. Frontier. Public policies.

Introdução

Neste artigo objetiva-se a socialização dos dados que emergiram da pesquisa *Juventude e Trabalho em Cáceres*: futuro incerto e espaços imaginários, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso (Fapemat), sobre os temas emprego/renda, saúde/sexualidade, educação e violência, a partir dos quais procurou-se estabelecer um diagnóstico sobre as necessidades e expectativas da juventude em Cáceres (MT).

Os estudos sobre juventude no Brasil tiveram início há aproximadamente três décadas, expandindo-se sobremaneira na primeira década do século XXI, quando o foco das atenções iluminou aspectos irregulares e fragmentados desse estrato da população. A expansão de estudos e a atenção das autoridades pela juventude brasileira se intensificaram na última década, mas, ainda assim, as pesquisas são insuficientes para abarcar a complexidade da temática. Algumas áreas de conhecimento, e também regiões territoriais do país, dedicam poucos estudos sobre essa faixa etária da população; por exemplo, os municípios localizados em regiões fronteiriças.

Trazendo a temática para a questão regional, destacam-se vinte e seis estudos oriundos de programas de pós-graduação existentes em Mato Grosso, sobre diferentes assuntos e temáticas correlacionadas à juventude/jovens. Entre os estudos sobre juventude sobressaem dois que têm o município de Cáceres como lócus de pesquisa: a dissertação denominada *Eu sei que não vou chegar aos 17 anos: um estudo das medidas socioeducativas em Cáceres-MT uma cidade de fronteira* (CUNHA, 2006), cujo objetivo foi analisar se as medidas socioeducativas, mediante suas práticas, possibilitam ao adolescente, autor de ato infracional, a saída do mundo do crime e a possibilidade de reinserção na sociedade. E a dissertação intitulada *Educação da juventude em espaços urbanos: jovens na praça pública em Cáceres-MT* (ANTUNES, 2006), cujo escopo foi identificar e analisar de que modo as relações de convivência propiciam a educação informal aos jovens, nas atividades de lazer e sociabilidade.

Pretende-se, com o artigo em pauta, cooperar com o debate sobre a juventude, trazendo, aos estudos existentes, aspectos particulares, em especial dos jovens que residem na cidade de Cáceres, a oeste do Estado de Mato Grosso que, diferente do que é possível constatar em outras cidades

localizadas na fronteira com a República da Bolívia, a população jovem do município, independentemente da classe social, se depara, em vários aspectos da vida em situação de risco e fragilidade pela localização geográfica e o papel que o município assume no contexto do tráfico nacional e internacional de drogas e armas e pelo seu perfil socioeconômico.

Nesse contexto, para os filhos e filhas das famílias menos favorecidas econômica e culturalmente, os riscos assumem proporções maiores à medida que são expostos a condições de vulnerabilidade que se expressam no risco ao vício e na sedução do tráfico.

A faixa etária de 15 a 24 anos é o recorte privilegiado da reflexão deste artigo e para efeito de identificação do segmento pesquisado. Sabe-se que existem outras divisões de idades e, portanto, estabelecer faixas etárias é arbitrário e convencionado.

O conceito de juventude também não possui unanimidade. Segundo Abramovay (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007), existem duas grandes linhas: uma considera a juventude como um grupo composto por indivíduos que vivenciam certa fase da vida e, nesse sentido, pertencem a determinado grupo etário, e a outra linha reconhece múltiplas culturas juvenis, formadas a partir de diferentes interesses e inserções, influenciados pelos parâmetros: situação socioeconômica, oportunidades, capital cultural, entre outros. E isso os faz empregar o termo juventudes, para indicar a variação de possibilidades presentes nessa categoria — a diferença de gênero, classe social, raça/cor, local de moradia, condição econômica. Assim, compartilha-se do pensamento que afirma que “[...] qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vivem juventudes desiguais” (NOVAES, 2006, p. 105) e de que há variações de acordo com as trajetórias pessoais em consequência de situações sociais, políticas e econômicas vivenciadas em determinado período histórico e/ou em lugares que se somam ao resultante de experiências individuais de cada jovem. Mas, ao mesmo tempo, pode haver vários aspectos comuns a todos os jovens. E, nesse sentido, estabelecer faixas etárias se torna importante, à medida que se visibilizam os problemas, consolidam-se e ampliam-se conquistas, principalmente as que se referem às políticas públicas.

A pesquisa que serviu de base a este artigo estabeleceu, para a coleta de dados, o intervalo de tempo de 2007 a 2010, período que possibilitou a obtenção e a sistematização das informações nos diferentes campos.

Assim, desenvolveu-se uma pesquisa quanti-qualitativa, transpondo as limitações e articulando elementos dessas duas abordagens ao acessar diferentes fontes de informações. Destaca-se que o aspecto quantitativo diz respeito à utilização de informações de diferentes campos da investigação, em bancos de dados oficiais, de pesquisas, e da coleta de dados em instituições governamentais e/ou civis, localizadas ou não no município. Entre as instituições destaca-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cujos dados desvelaram o nível de complexidade que o segmento populacional “juventude” na cidade de Cáceres apresenta. Tais dados apontam para a necessidade de que, nas análises socioeconômicas e nas decisões dos gestores governamentais (municipais e estaduais), e também dos organismos não governamentais, o segmento jovem do município se torne prioridade na definição das políticas e locação de recursos para o desenvolvimento de projetos de intervenção. Principalmente porque esse município é conhecido como um corredor do tráfico de drogas, armas e outros produtos ilegais, por situar-se em região de fronteira, a cerca de 80 quilômetros da cidade de San Matias, na República da Bolívia, com uma extensão de 780 quilômetros de fronteira seca.

A essa problemática soma-se o fato de o município não possuir um parque, muito menos uma produção industrial significativa, gerador de oportunidades de trabalho. Restam-lhe a prestação de serviços e a agropecuária. A prestação de serviços contribui com, aproximadamente, 572.389 mil reais em seu produto interno bruto, sendo o setor da economia que mais abre postos de trabalho, e nele compete entre si uma parcela significativa da juventude cacerense. Entre as atividades de prestação de serviço, a saúde tem destaque, qualificando o município como polo regional para o atendimento que se estende a vinte e dois municípios que constituem a VII Região de Planejamento de Mato Grosso.

A agropecuária e a ínfima indústria cooperam com as cifras de 176.220 mil reais e 113.948 mil reais (IBGE, 2010), respectivamente. A situação exposta é um dos determinantes do número reduzido de oferta de emprego.

Quanto à educação, o município é servido por uma rede de escolas públicas e particulares da Educação Básica e também por Instituições de Ensino Superior (IES) – duas particulares e uma pública. Os egressos des-

sas IES, em sua maioria, residem em Cáceres, onde disputam os diminutos postos de trabalho existentes.

Diante do exposto busca-se delinear o espaço em que a pesquisa foi realizada e as condições socioeconômicas e culturais em que o jovem cacerense promove suas ações. A ação juvenil está conectada ao que o jovem aprende em seu meio social. Suas ações e experiências correlacionam-se ao seu tempo e ao lugar – cidade ou campo.

É do jovem cacerense atual que se trata aqui. E para sistematizar as reflexões, o artigo foi organizado em dois blocos: no primeiro, faz-se uma pequena discussão sobre a contemporaneidade, com base em Zygmunt Bauman (1999, 2007), Sérgio Francisco Carlos Graziano Sobrinho (2010) e outros; no segundo bloco, expõem-se os dados sobre a educação, emprego/renda e a violência/homicídio, estabelecendo-se relações entre eles.

1 Juventude e contemporaneidade: vínculos complexos

Reunir esses dois termos é desafiador. O termo juventude foi apresentado na introdução do artigo, destacando-se os dissensos nele existentes. E sobre o segundo termo – contemporaneidade –, não cabe, aqui, discutir uma definição, até porque alguns autores afirmam, entre os quais Hennigen (2007), que não é possível limitar a sua compreensão em um conceito, mas em suas manifestações.

Neste artigo, o termo contemporaneidade conduz a um processo que tem a marca do aqui e do agora. Constitui-se de especificidades que são as transformações visíveis e/ou invisíveis que ocorrem em todas as esferas da vida, implicando possibilidades de ser e estar no mundo, determinando o pertencimento ou a exclusão. E é especialmente sobre o jovem que essas manifestações se precipitam.

Nesse tempo de permanente revolução tecnológica das comunicações, alguns autores, em suas discussões sobre globalização, relatam que o jovem não vive em uma só tribo, nem em uma única dimensão. A distância não é impeditivo e nem é mais um elemento geográfico que limita os relacionamentos interpessoais e muito menos as questões da vida cotidiana, mas um produto social, afirma Bauman (1999). Estar com o outro na dimensão real ou na dimensão virtual depende da disponibilidade de

tempo e dos instrumentos tecnológicos que se possui. O celular, o *tablet*, o *notebook* são os objetos de desejo da maioria dos jovens, porque são esses os instrumentos que viabilizam o ser e o estar. Eles podem conectar-se às redes sociais, desfazendo a distinção entre o aqui e o acolá, aproximando espaços, eliminando fronteiras, mas são esses mesmos instrumentos que os distanciam e os diferenciam.

Nem todos os jovens possuem os instrumentos e os recursos financeiros necessários (*internet* e crédito) para estarem conectados, nem possuem página em redes sociais, o que não os impede de desejarem ter e estar. O apelo ao consumo atinge a todos e é apresentado como necessidade essencial pelos meios midiáticos, durando o tempo exato da satisfação que corresponde à nova apresentação ao público consumidor de outro bem em substituição, afirma Tiellet (2012).

Assim, se a globalização, além do aspecto tecnológico, é, para alguns, sinal de liberdade, de capacidade, de mobilidade na dimensão real e/ou virtual, é conhecimento, é satisfação das ansiedades e desejos, para a grande parcela da população e dos jovens, representa obstáculos no campo econômico, social, tecnológico e físico, **limitando-lhes as chances de mudança**, de desfrutarem, mesmo que desejem, dos recursos que a própria globalização oferece.

A globalização se constitui em um dos aspectos da contemporaneidade que também se refere às questões econômicas. Abraça o neoliberalismo, cujas crises têm-se sucedido uma após outra, concentrando a renda, ainda mais, nas mãos de poucos, semeando a miséria, a exclusão, elevando os níveis de desigualdade entre pessoas, regiões e nações, além de aumentar a polarização entre o capital e os excluídos, dificultando a vida de milhares de pessoas.

Os excluídos, segundo Bauman (1999), são aqueles que, na lógica do consumo ou da lógica neoliberal, não podem ser consumidores, têm seus desejos restritos por um número cada vez maior de ações e situações que definem, interceptam, restringem, disciplinam e filtram seus movimentos. O desemprego ou a desqualificação para o trabalho são apenas alguns dos impeditivos da participação dos jovens no mercado de consumo e que lhes restringe a satisfação dos desejos.

Ainda segundo Bauman (2007), no Estado Social, os denominados carentes, pobres ou temporariamente excluídos podiam ser reintegrados

ao processo econômico via políticas públicas sociais; o Estado Social desenvolvia políticas de emprego e lhes assegurava, nas escolas, a preparação para o trabalho. Havia a expectativa de que a educação possibilitasse a mudança de vida. Atualmente, as oportunidades escolares já não garantem acesso ao emprego. A escolaridade e a qualificação apenas possibilitam a conquista do *status* de empregabilidade. É o indivíduo que tem que exercer sua capacidade de escolha, visando adquirir os meios que lhe permitam ser competitivo no mercado de trabalho.

Uma grande parcela de jovens, em meio às tantas diversidades da vida, interrompe seu estudo, abandona a escola e vai constituir o excedente populacional – aquela parcela da população “[...] que não pode ser reassimilada aos padrões da vida normal ou reclassificada na categoria de membros úteis da sociedade” (BAUMAN, 2007, p. 39). E esses jovens tendem a permanecer nessa condição, como consequência da lógica neoliberal do consumo, transformada, aos olhares da classe dominante, em “[...] ‘classe perigosa’, sujeita à violência social (pela exclusão social, pela exclusão ao mercado de trabalho, pela impossibilidade de aderir ao mercado de consumo)” (GRAZIANO SOBRINHO, 2010, p. 97).

Para Baumam (2009), a classe perigosa é constituída pelos *underclass* e pelos criminosos, e, no dizer de Alba Zaluar (1997), de modo mais abrangente, o termo exclusão é um comportamento, uma atitude que se verifica e ocorre em vários aspectos da vida cotidiana, enquanto o termo *underclass* é a consequência da exclusão, diz respeito aos inaptos socialmente e ao contingente populacional colocado no mercado informal e na marginalidade em virtude da falta de qualificação, definindo o destino de jovens que provavelmente serão cortejados pela criminalidade.

A política neoliberal avança com ações drásticas que influenciam a vida de milhares de cidadãos à medida que se alia e se apoia tanto nos organismos internacionais, que por sua vez influenciam políticas públicas dos países credores, quanto nas alianças firmadas entre grupos internos nem sempre hegemônicos desses países, e, juntos, buscam a defesa de seus interesses imediatos ou no médio prazo, de acordo com Apple (2003).

Para a população pobre, desde o Estado Social, vários governos têm elaborado políticas sociais sem que tenha havido mudanças significativas nessa população. Algumas dessas políticas até acomodam

essa população à situação em que vive, vendendo a ilusão de que obteve conquistas, em um jogo em que esses segmentos tornam-se ora membros úteis, tratados como cidadãos, ora os colocam na condição de improdutivos (MARX, 1979; BAUMAN, 1999), dependendo dos interesses do capital e dos governos.

A globalização produz diferenças cada vez mais profundas entre aqueles que usufruem de suas benesses e aqueles que, mergulhados nela, não conseguem escapar do perfil destrutivo e da fluidez de seus efeitos, fazendo aumentar a exclusão social, a desigualdade econômica e também a violência; diferenças que estabelecem a relação pobre-marginalidade-violência.

Embora, para o grupo social hegemônico, os pobres e os desvalidos sejam os que integram a classe perigosa, a tecnologia redesenhou o crime organizado, e seus integrantes até pertencem ao grupo social hegemônico; não são tão visíveis quanto o contingente populacional colocado na marginalidade econômica, social, cultural e política, identificado como classe perigosa.

Para o Promotor de Justiça do Estado de Mato Grosso, nos dias atuais, os mais perigosos

[...] possuem imagem respeitada perante a comunidade, utilizam-se de negócios legais, são pessoas que possuem boa instrução [...] geralmente possuem nível superior, grande poder de penetração e mando junto a órgãos e agentes estatais o que garante ainda mais o sucesso de seus “negócios”, bem como se mantem fora do alcance da Justiça (JESUS, 2000, p. 1).

O crime organizado se atualizou, exigindo alto grau de operacionalidade de seus integrantes; estão devidamente munidos de equipamentos de última geração, possuem mobilidade, podendo atuar, concomitantemente, em vários locais do mundo inteiro, transferindo valores e informações com velocidade invejável, tornando muito difícil o seu rastreamento, segundo Jesus (2000), o que exige novos conceitos de crime, criminoso e classe perigosa.

2 Juventude, contemporaneidade e a sociedade cacerense: futuro incerto

Dados do IBGE, de 2010, apontaram uma população, em Cáceres, de 16.460 jovens entre 15 e 24 anos de idade, o que representa 18,71% do total da população residente de 87.942 habitantes; daqueles, 10.248 definiram-se pardos, 4.515 brancos, 1.426 negros, 249 amarelos e 22 declararam-se indígenas. Entre os jovens, 8.211 frequentam a escola, o que corresponde a 49,82% do total residente no município, enquanto 48,49% disseram ter parado de estudar pelo menos uma vez, e 1,69% nunca frequentaram a escola, o que limita as possibilidades de se incorporarem ao mercado de trabalho por encontrarem dificuldade em atender os requisitos básicos exigidos, adiando ou mesmo afastando, no pequeno e médio prazo, seus desejos de autonomia financeira e a possibilidade de ajudarem a família ou mesmo constituírem uma.

A base da economia do município de Cáceres é a prestação de serviços. Dados de 2011, fornecidos pela Câmara de Dirigentes Lojistas de Cáceres (CDL), apontam apenas 350 empresas formalmente constituídas. E, segundo o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), os setores em ascensão na cidade de Cáceres se configuram no comércio de vestuários, seguido do perfil alimentício e logo atrás o setor estético e beleza e de saúde.

É no setor de prestação de serviço que o jovem atua, principalmente em atividades relacionadas ao comércio; segundo dados do IBGE (2010), somam 7.017 na condição de vendedores, entre os quais 3.842 mulheres. Mesmo que as mulheres tenham curso superior, elas exercem a função de caixas de supermercado, atendentes de consultório médico, de advogados ou de dentistas. Se, por um lado, essa situação qualifica os serviços oferecidos pelos empregadores, por outro, baixa a autoestima daqueles que apostaram na formação superior como possibilidade de aquisição de um emprego que lhes proporcionasse melhores condições de vida, de emprego e renda, desmotivando a qualificação, além de fortalecer a ideia de descrença na escola, como possibilidade de mudança de vida.

De acordo com o IBGE, apenas 75 pessoas no município (0,08%) têm renda mensal de mais de 30 salários mínimos (SM), e 36.903 ganham entre $\frac{1}{4}$ e dois SM mensais. Destaca-se que os de cor/raça branca têm, em

média, rendimento de R\$ 1.583,28, os de cor/raça preta, R\$ 977,15, e os pardos, que são a maioria da população, têm, em média, rendimento de R\$ 914,33. O exposto indica o nível de desigualdade social do município, que se reflete na população jovem.

Entre os jovens, 7.982 não são economicamente ativos, enquanto 8.478 (51,5%) do total de pessoas, na faixa etária de 15 a 24 anos de idade, são economicamente ativos, e, destes, 7.077 estão empregados e 1.401, desempregados. Em meio aos jovens economicamente ativos e empregados, com idade entre 15 e 19 anos, o rendimento médio mensal é de um SM, e na população com idade entre 20 e 24 anos é de R\$ 725,67.

Esses dados expressam o envolvimento e a contribuição do jovem para a renda familiar, ao mesmo tempo em que apontam para a deficiência de postos de trabalho e/ou para a existência de postos pouco remunerados e/ou a existência de uma rede significativa de ocupações na atividade informal e o nível de escolaridade da população que são as condições objetivas e subjetivas da exclusão. A economia informal envolve principalmente a população jovem.

Tal situação tem impacto na economia do município. É sobre a população pobre, e especialmente a juventude, que o refluxo dos anos de descaso das instituições governamentais recai, colocando os jovens na condição de vulnerabilidade, expondo-os a riscos e à incapacidade de enfrentar os problemas resultantes das condições sociais e das condições subjetivas e objetivas em que vivem. Para Antunes (2010), a falta de renda que garanta as necessidades básicas favorece a aproximação do jovem cacerense com o ilícito.

As atividades ilegais para um número significativo de jovens favorecem, no pequeno e médio prazo, a realização dos desejos mais imediatos, tendo um alto preço: condenação, quando não a morte. Como tarefeiros, numa posição marginal, na organização criminosa, sem domínio das tecnologias, muitos jovens são cooptados para executar ações de alto risco, expondo-se a perigos em troca de recompensa financeira, na condição de mula¹.

Segundo levantamento realizado por Reis (2012), foram registradas, na Delegacia Especializada do Adolescente (DEA) do município de Cáceres (MT), no período de 2007-2010, 359 sindicâncias. As transgressões praticadas por adolescentes têm sido o furto (293 registros), seguido por dirigir sem

habilitação, roubo, porte de arma, lesão corporal (vias de fato), ameaça e, na sequência, o porte de droga para o consumo ou para o comércio.

No levantamento que se realizou nos boletins de ocorrência de Cáceres consta que 31% dos indivíduos são dependentes químicos declarados (maconha, pasta básica, cocaína e álcool); 25,62% disseram não ter nenhum vício e; 43,38% não responderam, o que não significa que não sejam usuários de algum tipo de droga.

É consenso de que as transgressões, em sua maioria, têm relação com o tráfico. Comumente, a forma mais grave de violência tem sido o homicídio praticado tanto pelos traficantes, em suas próprias guerras em consequência dos frequentes acertos de contas, quanto pelos usuários através de crimes cometidos contra cidadãos, com a intenção de obter recursos para aquisição da droga ou para o pagamento a traficantes. E assim tem-se relacionado o uso e o comércio de drogas aos índices de violência. Entretanto, estando o município de Cáceres no centro dos problemas internacionais e nacionais relacionados ao tráfico de drogas, os índices de homicídio entre a população de 15 a 24 anos, no período de 2007 a 2010, não foram significativos. Se, por um lado, os índices de jovens pegos pela polícia, denunciados por porte ilegal de arma ou usando-a em roubos e assaltos, são significativos, segundo pesquisa realizada por Reis (2012), houve 111 registros por porte ilegal de arma no período de 2007 a 2010; por outro lado houve, no período, seis homicídios envolvendo adolescentes entre 15 e 18 anos de idade.

Os índices de violência na cidade não a colocam no ranking dos municípios brasileiros mais violentos, organizado por Jacob Waiselfisz (2007). Cáceres não é mencionada, nem entre os cem municípios com as maiores taxas médias de homicídios na população jovem; também não consta entre os duzentos municípios brasileiros com o maior número de homicídios no ano de 2007, e não está incluso entre os duzentos municípios mais violentos, no ano de 2010, segundo levantamento de Waiselfisz (2011).

Já na pesquisa de Waiselfisz (2011), a cidade de Cáceres assume a 97º posição na classificação dos cem municípios com os maiores índices de mortalidade em acidente de trânsito, além de se destacar no ranking dos cem municípios com as maiores taxas de suicídios do país, ocupando o 67º lugar.

Os dados acima compõem os fractais irregulares da realidade carcerense em que têm destaque a desigualdade social, os baixos índices de

violência, a localização geográfica do município, como pontos complexos e fragmentados a serem desvendados.

Conclusão

A cidade de Cáceres comporta paradoxos que precisam ser mais bem estudados. Consensualmente, entre as autoridades e pesquisadores, o tráfico é um dos principais geradores da violência urbana. Em Cáceres, apesar do envolvimento de alguns com o crime organizado, de ser caminho por onde passa grande quantidade de material traficado, as taxas de homicídio na população total, as mortes por arma de fogo e a morte na população jovem não a destaca entre as cidades brasileiras com os maiores índices desse tipo de violência. Diferentemente de Corumbá² (MS), cidade também fronteira com a República da Bolívia, e também considerada corredora das drogas, que figura entre os municípios que apresentam as maiores taxas: de violência na população total; de homicídios na população jovem e de mortes por arma de fogo.

O nível expressivo de desigualdade social e sua relação com o homicídio, como a forma mais grave de violência que vitima ou que é praticado por jovens no município, Cáceres tem taxas pouco significativas, o que pode significar que a miséria e a pobreza são insuficientes para explicar a geração da violência.

Outro aspecto da realidade apresentado pelos dados obtidos é o de que o número total de infratores que se declararam dependentes químicos é maior que o total de adolescentes abordados com drogas ou atuando no comércio ou no tráfico.

O que revelam e o que ocultam os dados acima em um mercado que movimenta bilhões³ de dólares? Teriam as organizações criminosas (mercado de drogas), beneficiárias também da globalização, uma política própria que influencia o índice e a tipologia da violência na cidade de Cáceres? Poder-se-ia imaginar um interesse em manter essa região em estado de calma para não despertar maior interesse das autoridades em investigações detalhadas e minuciosas?

A grande maioria de residentes na cidade de Cáceres que se declara de cor/raça parda e aqueles que se declaram negros são os mais atingidos

com a falta de políticas públicas – por parte dos governos, tanto estadual quanto municipal – que possam atender as suas necessidades e especificidades. Pouco se faz para a abertura de novos postos de trabalho para a população em geral e muito menos ainda é dada atenção aos adolescentes infratores, aos usuários de droga e aos que abandonaram a escola.

Há, na cidade, uma vontade tácita de que tudo permaneça como está. De um lado, que o grupo hegemônico continue a usufruir das be-nesses do mercado neoliberal. E parte desse grupo, sob o manto da insuspeição, resguarda e mantém ações ilícitas, desfrutando dos encantos, juntamente com suas famílias, de um *status* social reconhecido. Do outro lado, na condição de miséria, famílias veem seus filhos fragilizados diante de um futuro incerto por não terem as competências e habilidades exigidas pelo mercado de trabalho e pela falta de uma política de geração de emprego e renda, serem atraídos pelo tráfico através do vício ou pela promessa de lucro fácil correrem risco de morte. Parte da juventude cacerense, sem perspectiva de futuro, se rende às propostas de lucro fácil e à ilusão de poder satisfazer seus desejos e suas necessidades básicas.

Por sua vez, as organizações criminosas (tráfico de drogas, contrabando de armas, roubo de bancos e carros) se adaptam à mobilidade e à flexibilidade proporcionadas pelas novas tecnologias e modelos gerenciais da economia globalizada, atuando com a ajuda de redes bancárias, estabelecendo laços dentro e fora do país; na lógica neoliberal, reordenam seus espaços sem definição de fronteiras nacionais, ajustam-se às novas leis de mercado e encobrem, de forma inteligente, o lado obscuro de suas ações ilícitas.

Como empresa, a organização criminosa, na sociedade capitalista, tende a se concentrar na geração do lucro, afirma Saporì (2010), ampliar contatos, abrir novos mercados, o que demanda tempo, esforço físico e intelectual, ao invés de usar a violência, o que atrairia a atenção policial, prejudicando os negócios, negando o poder e colocando-se no mesmo nível de criminosos comuns.

Como a violência aparece mediante o risco de perda do poder – e nesse aspecto o poder se apresenta diametralmente oposto à violência, em que um domina absolutamente, o outro está ausente –, segundo Arendt (1994), o crime organizado optou por agir dentro do sistema social, econômico e político, corrompendo e aliciando, preferindo desfrutar das be-

nesses do poder e ser visível pela posição social de seus integrantes, ter influência junto a políticos, órgãos e agentes estatais, mantendo-se fora do alcance da ação da Justiça.

O poder da organização criminosa na cidade tem raízes profundas e horizontais que se estendem a uma parte significativa do corpo social. Ela exerce poder em diferentes setores da sociedade, no comércio, nas baladas de final de semana que mobilizam a juventude (incluindo seus filhos) – o que não significa que nelas haja, obrigatoriamente, consumo de droga, e nem todos que delas participam sejam usuários.

Segundo Carrano (2003), a materialidade da vida, as configurações sociais e os cruzamentos de redes de subjetividade estabelecem contextos que devem ser considerados como efetivamente educativos, desde uma perspectiva de educação que se amplia para além dos horizontes estritamente pedagógicos. Na cidade de Cáceres, ocorre uma lamentável “pedagogia para o crime” promovida pelo descaso dos dirigentes locais, políticos ou não, com os problemas de infraestrutura da cidade, pela desatenção a drogadição e suas consequências que atinge principalmente famílias econômica e socialmente desfavorecidas, pela negligência para com os adolescentes infratores e a falta de políticas públicas de pequeno, médio e longo prazo dirigidas à juventude.

Notas

- 1 Pessoa que transporta droga em seu corpo.
- 2 O município de Corumbá (MS), localizado também na fronteira com a Bolívia, se encontra na 312ª posição entre os 10% dos municípios com as maiores taxas médias de homicídios na população total; a participação em 10% dos municípios com as maiores taxas de homicídios na população jovem de Corumbá se encontra no 214º lugar e entre os 10% de municípios com maiores taxas médias de mortes por arma de fogo. Corumbá se localiza na 320ª posição.
- 3 Em 1990, o mercado de drogas movimentou 50-75 bilhões de dólares, segundo *RETIS*, Grupo de Pesquisa da UFRJ/IGEO/DEGE.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luis Carlos Gil. *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília, DF: MEC/Unesco, 2007.

ANTUNES, Maria da Penha Fornanciari. *Educação da juventude em espaços urbanos: jovens na praça pública em Cáceres-MT*. 2006. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2006.

_____. *Juventude e trabalho em Cáceres: futuro incerto e espaços imaginários*. Projeto de pesquisa. Cuiabá, MT: Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Mato Grosso, 2010. Não paginado.

APPLE, Michael W. *Educando à Direita: mercados, padrões, Deus e desigualdades*. São Paulo: Cortez, 2003.

ARENDT, Hannah. *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CARRANO, Paulo C. R. *Juventudes e Cidades Educadoras*. Petrópolis: Vozes, 2003.

CUNHA, Elisa Maria Jorge da. *Eu sei que não vou chegar aos 17 anos: um estudo das medidas socioeducativas em Cáceres-MT uma cidade de fronteira*. 2006. 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 2006.

GRAZIANO SOBRINHO, Sérgio Francisco Carlos. *Globalização e sociedade de controle: a cultura do medo e o mercado da violência*. Rio de Janeiro: Lumen, 2010.

HENNIGEN, Inês. A contemporaneidade e as novas perspectivas para a produção de conhecimento. *Caderno de Educação: Revista da FaE/PPGE/UFPel*, Pelotas, n. 29, p. 191-208, jul./dez. 2007.

IBGE. *Cidades@*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 24 dez. 2010.

JESUS, Mauro Zaques de. Crime Organizado – a nova face da criminalidade. *Revista Jurídica de Mato Grosso*, Cuiabá, ano 2, n. 6, maio/ago. 2000. p. 1-7. Disponível em <<http://www.mt.trf1.gov.br/judice/jud6/crimorg.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

MARX, Karl. *O Capital*. 5. ed. Lisboa: Biblioteca 70, 1979. p. 134-151.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Org.). *Culturas jovens: novo mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 105-120.

REIS, José Carlos Henrique Bezerra Candido dos. *Jovens cacerenses infratores: causas das transgressões e suas projeções sobre o futuro*. [S.l.: s.n.], 2012. Texto digitado.

SAPORI, Luis Flavio et al. *Os impactos do crack na saúde pública e na segurança pública: A problemática do crack na sociedade brasileira: o impacto na saúde pública e na segurança pública*. Relatório de Pesquisa. Belo Horizonte: PUC/MG, 2010.

TIELLET, Maria do Horto Salles. *Políticas públicas de redução e prevenção dos conflitos e da violência em ambiente escolar do estado do Mato Grosso: reflexos nas escolas estaduais do município de Cáceres*. 2012. 362 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2012.

WAISELFISZ, Jacobo. *Mapa da Violência dos Municípios Brasileiros*. Brasília, DF: OEI, 2007.

_____. *Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no país*. São Paulo: Instituto Sangari, 2011.

ZALUAR, Alba. Exclusão e políticas públicas: dilemas teóricos e alternativas políticas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 35, out. 1997. Não paginado. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-69091997000300003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 jul. 2010.

Recebido em 18 abr. 2013 / Aprovado em 13 nov. 2013

Para referenciar este texto

TIELLET, M. H. S.; ANTUNES, M. P. F.; COSTA, J. F. Juventude e contemporaneidade: vínculos complexos e futuro incerto. *EccoS*, São Paulo, n. 32, p. 103-118. set./dez. 2013.